

PRISCILA DÓREA*

Mãe Menininha do Gantois atravessou o século XX ajudando a manter, com doçura e pulso firme, o candomblé como um patrimônio vivo e em constante renovação. Há 40 anos, em 13 de agosto de 1986, a ialorixá deixou a vida terrena e foi para o Orum juntar-se aos ancestrais, segundo a fé que professou por toda a vida. Em seu sacerdócio, enfrentou preconceitos e perseguições para afirmar a dignidade das religiões de matriz africana. Símbolo de resistência cultural e espiritual, Menininha é tema de estudos, canções, prosa, poesia e devoções. Pela contribuição da guardiã de uma sabedoria ancestral, o A TARDE Memória relembra nesta edição a trajetória da “Oxum mais bonita da Bahia”.

Maria Escolástica da Conceição Nazaré nasceu em Salvador, no dia 10 de fevereiro de 1894. Ela carregava em sua linhagem a força de uma tradição matrilinear vinda da nação Egba-Arakê, da região de Agbeokutá, na Nigéria. Iniciada no candomblé aos 6 meses de vida, herdou das ancestrais a tarefa de ser a guardiã da fé e da memória do Terreiro do Gantois, Ilé Iyá Omi Asé Iyamasé, fundado em 1846 por sua bisavó, Maria Júlia da Conceição Nazareth. A bisneta assumiu o comando como a quarta ialorixá da casa.

"A matrilinealidade estabelece um poder próprio, um legado dentro da questão de gênero para as próprias mulheres do território do qual vieram. Quando Maria Júlia chega à Bahia, trazida pelo tráfico transatlântico, passa pela servidão, consegue recursos e se alforria. Casa, consegue a liberdade dos filhos e funda o Gantois, um terreiro que se entende não só como núcleo religioso, mas também político, uma característica que faz parte dessa tradição iorubana que chega na Bahia em meados do século XIX e que é passada por Maria Júlia para os seus pares e descendentes", explica Tanira Fontoura, egbomi, filha de Iemanjá e colaboradora do Memorial Mãe Menininha do Gantois.

O Ilé Iyá Omi Asé Iyamasé é um dos raros templos de matriz africana no Brasil que mantém em sua liderança apenas descendentes diretas das mulheres que o fundaram em meados do século XIX. Fiel à tradição matriarcal, preserva uma linhagem de sacerdotisas poderosas, onde o comando é sempre feminino e transmitido por herança e consanguinidade, garantindo a continuidade dos laços familiares e espirituais. Após a fundadora Maria Júlia (1800–1910) passar para o Orum, o mundo espiritual iorubá, quem a sucedeu foi a filha Pulchéria (1841-1918), seguida da sobrinha, Maria da Glória (1879-1920) que, por sua vez, era a mãe de Menininha.

A frente do Terreiro do Gantois por mais de seis décadas, dos anos 1920 até a partida, em 1986, Mãe Menininha consolidou a casa como uma das referências do



Mãe Menininha com uma das netas, em registro de 1978 da rotina familiar

Legado de MÃE MENININHA SOBREVIVE NA MEMÓRIA COLETIVA

MATRIZ AFRICANA Ialorixá respeitada por artistas, intelectuais e políticos comandou o Terreiro do Gantois por décadas como diplomata do candomblé



Com a cantora Maria Bethânia, sua filha de santo

candomblé de nação iorubá. Ela também enfrentou as dificuldades do período histórico em que os terreiros eram constantemente vigiados e reprimidos pela polícia. Sua liderança foi decisiva para que, em 15 de janeiro de 1976, o então governador Roberto Santos assinasse o Decreto Estadual da Bahia, nº 25.095, retirando os terreiros de candomblé da tutela da Delegacia de Jogos e Costumes. A medida acabava com a criminalização e às exigências burocráticas que obrigavam os terreiros ao pagamento de taxas e a solicitação de licenças policiais

prévias antes de realizar suas cerimônias.

Diplomacia

Um ponto importante para entender a trajetória de Mãe Menininha, destaca a egbomi Tanira de Iemanjá, é saber que sua história sempre esteve ligada à do terreiro, que era entendido e defendido por ela não apenas como instituição religiosa, mas como espaço social e comunitário. “Ela soube destacar o caráter coletivo, mostrando que o terreiro era, ao mesmo tempo, um centro espiritual e um núcleo sociopolítico. Essa visão permitiu que mantivesse

se relações amplas com a sociedade, abrindo as portas do terreiro para criar laços que mostravam ao mundo que o espaço religioso não era fechado em si mesmo, mas parte ativa da vida social e cultural da Bahia”, explica.

Segundo Tanira, na visão de Mãe Menininha, era preciso que as pessoas ingressassem no terreiro e entendessem o que aquela comunidade tinha para mostrar. “Ela entendia que isso era necessário para tirar a pessoa do estado de ignorância, para entender como a nossa cultura colaborou para o processo da formação

social brasileira. Era preciso que as pessoas entendessem que culturalmente nós somos partícipes dessa formação”, acrescenta.

Mãe Menininha conhecia profundamente a força do legado deixado por suas ancestrais e reconhecia o potencial cultural que os povos iorubanos trouxeram para a formação da sociedade brasileira, assim como as contribuições dos povos bantú, jeje, fon, ijexá e outras etnias que chegaram ao país, trazidas pelo sistema escravocrata durante o período colonial, pontua Tanira.

"Ela tinha uma visão

muito própria e particularizada, pois conviveu com lideranças oriundas de África e falava várias línguas, como iorubá, kikongo, kimbundu e jeje muito bem. Conviveu com os mais velhos, que mostraram como as comunidades sobreviveram e como as antecessoras foram formadoras de irmandades negras".

Na II Conferência Mundial da Tradição Orixá, em 1983, realizada em Salvador, com a presença de embaixadores de países africanos, inúmeras delegações foram até o Gantois para encontrar a ialorixá. "Mãe Menininha

atendeu a todos falando em iorubá. Ela revelou: 'hoje, para mim, é um dia muito especial e a satisfação que estou sentindo não cabe dentro de mim'", relata A TARDE, na edição de 20 de julho de 1983. A matéria teve chamada com foto na capa do jornal e na imagem, Mãe Menininha conversa animadamente com o obá (rei) de Ijebu Odé.

Mãe de todos

O diálogo que Mãe Menininha mantinha com diferentes setores da sociedade tornaram o Gantois um espaço de convivência e respeito. Ela recebia desde pessoas comuns a artistas, estudiosos e ocupantes de cargos públicos. Cantoras como Maria Bethânia e Gal Costa eram suas filhas de santo. Essa postura ajudou a cuinhar sua fama de extrema diplomacia e cuidado; e a difundir a importância do candomblé como patrimônio espiritual e cultural.

Não é à toa que a sua partida, em 13 de agosto de 1986, aos 92 anos, foi acompanhada tanto pelo povo de santo, quanto gerou comoção mesmo entre quem não professava o candomblé como religião. O governo da Bahia decretou três dias de luto oficial e tropas do exército, marinha e aeronáutica, sem armas, fizeram parte do cortejo de mais de oito mil pessoas que, segundo estimativa publicada na edição de A TARDE de 15 de agosto de 1986, acompanhou a despedida da ialorixá. Salvador, ressaltava o texto, parou para o último adeus à Mãe Menininha.

"Milhares de pessoas se aglomeravam nas calçadas, nas sacadas e janelas dos edifícios, nas encostas e viadutos. Carregada por filhos de santo e pelo professor Edvaldo Brito, o caixão desceu a ladeira do Gantois sob o cântico de 'Adeus Minha Mãe', em iorubá", diz o texto.

Cerca de seis anos após a partida da ialorixá, em 1992, o Memorial Mãe Menininha do Gantois começou a funcionar. Segundo a egbomi Tanira, o espaço era muito importante para Mãe Carmen, uma das filhas de Menininha que comandou o Gantois, por preservar a história do terreiro, tombado em 2002, e o legado de sua mãe.

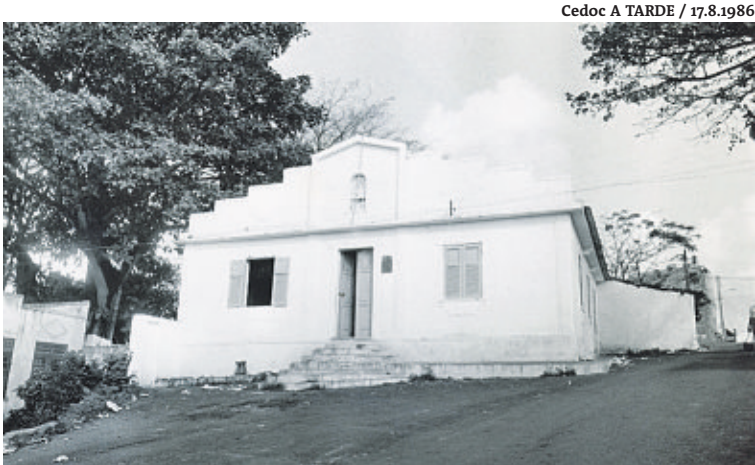
Atualmente, o Terreiro do Gantois cumpre o luto e o período do axexê pela passagem de Mãe Carmem, em 26 de dezembro de 2025. O terreiro está fechado e apenas o memorial e o centro comunitário estão funcionando.



Reportagem especial em 1994, nos 100 anos de nascimento

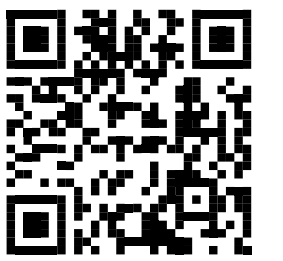


Recebendo o obá de Ijebu Odé, no Gantois, em 1983



Gantois fechado em 1986, após a passagem de Menininha

APONTE A CÂMERA DO CELULAR E LEIA MAIS SOBRE O TEMA NO A TARDE MEMÓRIA



*COLABORARAM ANDREIA SANTANA E TALLITA LOPES

*OS TRECHOS RETIRADOS DAS EDIÇÕES HISTÓRICAS DE A TARDE RESPEITAM A GRAFIA DA ÉPOCA.

MATERIAL ELABORADO COM BASE EM EDIÇÕES DE A TARDE E ACERVO DO CEDOC A TARDE